

## CONTRASTES

**\* Roberto Rodrigues**

No dia 23 de janeiro passado, a Escola Superior de Agricultura “Luis de Queiroz” comemorou uma significativa marca: diplomou seu 10.000º engenheiro agrônomo, em sua história de 107 anos. Aliás, a Universidade de São Paulo, da qual a ESALQ foi uma das fundadoras, celebra este ano seu 75º aniversário: a ESALQ é 32 anos mais antiga que a própria USP.

É indiscutível o extraordinário papel que o engenheiro agrônomo vem desempenhando na história recente em favor do desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Com um imenso leque de diversificações profissionais - desde a pesquisa, passando pelo ensino, a extensão rural, a agregação de valor, o associativismo, as questões essenciais da sustentabilidade, a formulação de políticas públicas, a gestão rural, o planejamento estratégico - estes profissionais sempre se destacaram e continuam avançando em todos os campos.

Organizações como a CATI, o Instituto Agrônomo de Campinas, o Instituto Biológico, a EMBRAPA, o antigo Sistema EMBRATER, entre tantas outras formidáveis alavancas do agronegócio, jamais teriam existido sem o engenheiro agrônomo. E, portanto, sem ele, não teríamos alcançado o elevado padrão de competitividade no campo. E a ESALQ tem sido, nesta longa jornada, um celeiro de formação destes técnicos cuja nobre missão desenvolvimentista é indispensável.

Enquanto a bela solenidade de formatura se realizava em Piracicaba, eram publicados pela mídia brasileira informações sobre os empregos no país.

Pelos dados publicados, ficamos sabendo que em 2008, 1,452 milhão de postos de trabalho foram abertos no Brasil, 165 mil a menos que no ano anterior. O ano terminou com 30,418 milhões de empregos com carteira, cerca de 5% a mais que os de 31/12/2007.

Sabe-se que 37% de todos os empregos formais do país são gerados pelo agronegócio. No entanto, no ano passado, o setor foi o 3º colocado na abertura de novos postos (198.000), atrás de Serviços (648.000), Comércio (382.000) e empatado com a Construção Civil.

Se usarmos os dados específicos do setor primário, sem a Indústria de Transformação, veremos que a agricultura e a silvicultura, em separado, criaram 18,2 mil vagas, quase 3 mil a menos que em 2007.

O que se pode concluir destes números, sabendo-se que a agropecuária brasileira cresceu em 2008 em comparação a 2007, seja em termos de volumes físicos de produção (132 mi/ton em 2007 e 143,8 mi/ton em 2008), seja em termos de valor da produção (de 223 bilhões de reais para 297 bi)?

Ficam claras pelo menos duas conclusões: a primeira é que a crise financeira global pegou pesado no campo. Tanto é verdade que o campo foi o segundo segmento que mais fechou postos de trabalho em dezembro, atrás apenas da Indústria de Transformação, embora isto não seja excepcional nesta época.

E a segunda é a crescente mecanização: o campo produz cada vez mais com menos gente, o que é positivo economicamente e negativo socialmente.

Agrônomos ajudam a competir. Competição reduz empregos. Contrastes da vida real.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**